

AMOR DE TRANSFERÊNCIA

Dulce Campos¹

Em um encontro casual, a mãe de Rique disse-me que me procurara no consultório, com a avó da criança, mas não me encontraram. Queriam que eu visse o filho, menino inteligente, bem adaptado na escola, porém chorão, pouco reativo e ansioso, tendo apresentado enurese até os 7 anos. No momento, tem 8 anos. É excessivamente apegado à babá que dele cuida desde o nascimento. A mãe de Rique estuda e o pai é muito ligado ao trabalho. Acham a criança pouco feliz. Não se sente seguro para brincar com outros de sua idade, prefere aqueles bem mais novos. Apaixonado por futebol, gosta de ver e praticar. O pai lhe faz companhia e são grandes torcedores.

Lembrei-me que há trinta anos fui professora da avó, que desenvolveu por mim considerável afeto. Recomendara à filha que não aceitasse outros nomes, mas insistisse para que eu mesma atendesse a criança. Na adolescência, a mãe de Rique me procurou para tratamento, mas não permaneceu.

Depois de ouvir os pais, recebi o menino: espontâneo, fluente, movimentos desembaraçados, estável. Indagando sobre o que fazia, pedi que me contasse seus sonhos.

Como se rasgasse o véu que parecia encobrir coisas bem escondidas, indagou: “Sonhos ou pensamentos? Bons ou maus?”

Limitei-me a esperar, mesmo porque eu “ignorava” o sentido de suas adjetivações. Olhou-me curioso, acompanhando o movimento da minha escrita, vigiando-me para que eu não falhasse na exatidão a respeito do que dizia. Como se estivesse sozinho, continuava:

Sonhos bons: voando e encontrando lá em cima os golfinhos... sonhos ruins: bichos-papões me pegavam e tubarões me comiam. Pensamentos bons e ruins: eu caía do barranco e morria. Matavam meu pai e minha mãe. Até achei que era realidade: davam um tiro neles. Mas a melhor parte é que estavam vivos e eu sabia dirigir. Levei eles pro médico... Agora tenho um pensamento tão ruim que nem sei se tenho coragem de contar: davam uma facada em Zezé, o filho da minha babá. Ele aprendeu a andar com 4 anos. Agora tem 5 meses. Me joguei e salvei ele. Me empurravam do prédio e eu morria.

¹ Membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil/PE. E-mail: dulce.campos@globo.com.

Ouvindo o relato, em que as relações eróticas e agressivas de Rique se passavam, pensei em Édipo criança, em carne e osso. Como o rei não tivera irmãos, as observações de Lacan sobre o peso maior da rivalidade fraterna não faziam parte das experiências do herói grego. No sonho de Rique, o drama edípiano é fraterno e parental. A ambivalência se presentifica: ressuscita aquele que ele matou, protege quem ele hostilizou, pune-se pelos “crimes” que deseja praticar. Quantas vezes ele se priva dos jogos porque fica gripado, temeroso de micróbios, assustado diante de meninos da sua idade que até poderiam ser companheiros a animar as brincadeiras! “Mijando-se de medo”, aterrorizado pelas noites, indo acalmar-se na cama da babá.

Que diz a psicanálise sobre a relação singular no contexto do tratamento em que Rique fala dessas coisas, confidenciando sentimentos que guardava só para si?

A avó e os pais de Rique acreditam que eu vou saber ajudá-lo. O que deixava Rique atormentado por tantos sintomas, embora seu perfil seja bem positivo: excelente aluno, ele gosta do lazer. Somente eu poderia atendê-lo conforme a avó recomendou à filha: não aceitar outro nome de psicanalista. Somente eu poderia cuidar de seu neto.

Amor que tem resistido ao tempo, o da avó de Rique, enlace afetivo que, segundo Freud, ocorre em qualquer laço social. Freud postulou ideias fundamentais sobre o amor de transferência, considerando, ao lado da resistência, base do trabalho psicanalítico. Embora a natureza da transferência seja a mesma – apoia-se em algo anteriormente vivido, marcado por ligações emocionais –, em psicanálise, de certo modo, repete-se em uma relação nova, induzida, relacionada com o projeto de cura. É assim que funciona, denominando-se neurose de transferência, gerada no relacionamento analítico. O manejo da transferência é o diferencial de outros tipos de psicoterapias. A demanda do cliente adulto ou da criança trazida pelos pais dá início à trama: algo que incomoda, levando o analista a manejar situações movidas pela inibição, sintoma e angústia de seus pacientes.

Suposto saber e amor de transferência são as molas do processo utilizadas no tratamento das neuroses. Com propriedade, Lacan nos fala do final de análise quando o analista é dejetado e destituído dessas posições. De objeto *a*, precioso, idealizado, o agalma referido por Platão, por isso tornado objeto de amor, vê-se no final da análise desidealizado, dejetado. Assim, ocorre a passagem de uma relação apaixonada, contaminável por efeitos sugestivos para a desidealização. A transformação se opera sobre o suposto saber, em um trabalho incansável de substituição de significantes em busca de significados enganosamente encontrados. De demanda em demanda, buscando nomear o desejo. Tudo isso vivido com

sentimentos de ódio e de amor, separados ou fundidos, presentes às relações humanas vitalizadas.

Rique revela a ambivalência na polaridade pulsão de vida e pulsão de morte em relação a si, desloca-a para o concorrente (filho da babá) e para seus pais. Lacan salienta o peso que as relações fraternas assumem na constituição do sujeito. Rique a denota no relato do sonho que narra na primeira entrevista. No jogo alternativo de pulsões, semelhante ao que ocorre no *fort-da*, ninguém escapa aos seus sentimentos. Todos estão aí em expressões do inconsciente que utilizam a fala em metáforas para exibir hostilidade e amor. Soberania do imaginário simbolizado pela linguagem como instrumento do trabalho, na medida em que não apenas alivia tensões, vai integrando o desejo, redimensionando o sujeito.

Rique assume a transferência em um posicionamento próprio, não se limitando ao investimento dos familiares. Um dia chega triste e fala da ausência do pai por um período de cinco meses para estudos no sul do país. Comenta emocionado: “Só tenho 8 anos. Sou muito pequeno para ficar tanto tempo sem meu pai.”

A mim fala do seu sofrimento e de sua saudade, mas, quem sabe, para eu evitar que isso aconteça. Uma demanda?

É assim que, em consequência da transferência analítica, a demanda de necessidade transforma-se em demanda de amor, possibilitando o surgimento do sujeito dividido direcionado ao desejo. À analista, Rique confia sua preocupação, seu sentimento de desamparo, seu pesar. Ao comunicá-los, espera alguma coisa de mim.

Ao considerar a análise uma escuta de significantes, acentuando que um significante sempre aponta para outro significante, procedente do inconsciente, a intervenção do psicanalista muda de rumo e, desse modo, caracteriza-se. Lacan renova severas críticas às psicanálises do ego, adaptativas, condenadas na época por Freud. Acrescenta comentários sobre o uso da sugestão, mesmo que reconheça que ela tem lugar pelo fato de, ao analista, ser atribuído o suposto saber e a relação movida pelo amor de transferência. Contudo, a ideia de que o sujeito deve emergir com seu desejo articulado com uma linguagem significativa, embora sempre insuficiente para designá-lo, será facilitada pelas intervenções transferenciais, evitando-se o comprometimento dos objetivos terapêuticos de caráter sugestivo. Certas condutas, sobretudo omissões do analista em relação à escuta, podem conduzir ao *acting out* (ação não simbolizada), e podem até ser aproveitáveis no avanço do processo, desde que o analista delas se dê conta por meio de supervisão, intercontrole ou da própria análise.

A idealização que o analisante faz do analista como saber, e objeto de amor, não se limita a um saber que lhe é atribuído sobre os sintomas, mas a uma perfeição idealizada de

que o analista seria dotado, fazendo o analisante intolerante para qualquer falha desse todo-poderoso, onisciente. Faz sentido tentar compreender por que o analisante se protege de outras formas de convivência com o analista, incluindo os encontros sociais inevitáveis, protegendo-se para não ver tais imperfeições. Certa vez, na sessão de um obsessivo em análise, achei graça, com muita espontaneidade, em alguma coisa que se passou no momento. Assustado, falou-me: “Doutora, por que a senhora faz isso? Pensava que a senhora fosse uma pessoa séria!”

Reflito sobre os perigos da contaminação do desejo do analista aproveitando-se do processo transferencial. É preciso não perder de vista a transformação das demandas que se apresentam em novos significantes, movimentos do sujeito, singulares e incomunicáveis, direcionados ao desejo. As fantasias de transformação dos significantes em significados em uma cadeia sem fim são roupagens que o próprio sujeito deverá elaborar e enunciá-las com vista à verbalização do desejo, sempre inatingível, errático, derrisório, evanescente.